

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 8



PORTO ALEGRE
2007

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. Sua sede se localiza na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembléia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. Seu patrimônio é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceitos pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembléia Geral.

Conselho Diretivo

Presidente: Regina Zilberman, UFRGS
regina.zilberman@gmail.com

1º. Vice-Presidente: Carlos Reis, Univ. de Coimbra
c.a.reis@mail.telepac.pt

2º. Vice-Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela
fjetorres@usc.es

Secretária-Geral: Maria da Glória Bordini, UFRGS
mgbordini@portoweb.com.br

Vogais: Ana Mafalda Leite (Univ. Nova de Lisboa); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Cristina Robalo Cordeiro (Univ. Coimbra); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. Roma, La Sapienza); Fátima Celeste Ribeiro (Contacto, Serviços de Línguas, Lda); Helena Rebelo (Univ. da Madeira) M. Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Rolf Nagel (Univ. Duisburg); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro).

Conselho Fiscal

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense); Thomas Earle (Univ. Oxford)

Associe-se pela *homepage* da AIL:

www.lusitanistasail.net

Informações pelos *e-mails*:

[lusitanistasail@terra.com.br](mailto:ailusit@ci.uc.pt); ailusit@ci.uc.pt

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 8 – Agosto de 2007

Diretor:

Regina Zilberman

Diretor Executivo:

Benjamin Abdala Junior

Conselho Redatorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Mafalda Leite; Carlos Reis; Cristina Robalo Cordeiro; Elias Torres Feijó; Ettore Finazzi-Agrò; Fátima Celeste Ribeiro; Fátima Viegas Brauer-Figueiredo; Helena Rebelo; Laura Calcavante Padilha; M. Carmen Villarino Pardo; Maria da Glória Bordini; Rolf Nagel; Sebastião Tavares de Pinho; Teresa Cristina Cerdeira da Silva; Thomas Earle

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereço eletrônico: ailusit@ci.uc.pt

Realização:

Coordenação: Luiz Fagundes Duarte

Revisão: Tania Regina Ortiz Vernet

Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

Impressão e acabamento:

Evangraf, Porto Alegre, Brasil

ISSN 0874-5102

SUMÁRIO

EDITORIAL	09
LUIZ FAGUNDES DUARTE	
Tempo de perguntar	11
TEORIA E CRÍTICA DA CRÍTICA	
ALMUTH GRESILLON	
La critique génétique: origines, méthodes, théories, espaces, frontières	31
GIUSEPPE TAVANI	
O texto medieval e as suas “misérias e desventuras”	46
VANDA ANASTÁCIO	
Quando o papel interfere com a escrita: reflexões sobre alguns autógrafos do Segundo Marquês de Alorna	75
JOÃO DIONÍSIO	
<i>Criticus fit</i>	104
CRÍTICA E LINGUÍSTICA	
HEITOR MEGALE, SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO NETO, PHABLO ROBERTO MARCHIS FACHIN, RENATA FERREIRA COSTA, VANESSA MARTINS DO MONTE	
Crítica textual: análise grafemática e pesquisa lingüística	127
LUÍS PRISTA	
Um manuscrito de João Félix Pereira: a <i>Carta</i> sobre a Reforma Ortográfica de Barbosa Leão	147

CRÍTICA E EDIÇÃO / TRADUÇÕES

O Livro de José de Arimatéia: breve comentário sobre questões atuais

SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO NETO

Universidade de São Paulo

1. Introdução

No âmbito da Matéria da Bretanha em Portugal, estudos recentes sobre o *Livro de José de Arimatéia* têm permitido o avanço na busca de respostas a diversas perguntas que propõe o exame do texto. Tomando-se como possível ponto referência a edição integral da obra, que data de finais da década de sessenta do século passado, pode-se afirmar que, desde aquela época até hoje, ampliou-se muito a sua compreensão, embora muito ainda haja por fazer diante das variadas questões que se encontram em aberto. Do ponto de vista filológico, compreender-se o lugar do testemunho português na tradição a que pertence, aprofundar o conhecimento pelo menos sobre alguns dos diversos matizes do único manuscrito integral disponível e reafirmar a importância de uma edição crítica do texto parecem ser questões das mais importantes para se compreender em que pé

anda a discussão sobre um dos mais relevantes romances que compõem o ciclo do Graal em língua portuguesa. Sem pretensões de esgotar cada um dos referidos pontos, trata-se deles a seguir, com o objetivo de apresentar, a partir daí, um breve e atual perfil do *Livro de José de Arimatéia*.

2. O *Livro de José de Arimatéia* na tradição da *Estoire*

O romance arturiano, na forma em que a maior parte da Europa ocidental o conheceria durante a Idade Média – uma narrativa episódica, envolvendo as aventuras e, comumente, os amores de um herói da corte de Artur –, surgiu e floresceu pela primeira vez no norte da França. A matéria tradicional era combinada com inovações, formando um conjunto narrativo específico, que se chamou de Matéria da Bretanha, a qual passou a ser a denominação tradicional do vasto complexo de textos literários derivados da Grã-Bretanha e Pequena Bretanha, de raiz céltica, centrados na figura de Artur e de seus cavaleiros.

A idéia de um esquema coerente de romances ocorreu primeiramente a Robert de Boron, clérigo ou cavaleiro borguinhão, ativo entre 1191 e 1212, que planejou uma trilogia de romances em verso a que intitulou *Li livres dou Graal*. Pretendia cobrir toda a história do Graal e do reino de Artur por meio da composição de uma obra edificante, um tipo de pseudo-evangelho, baseado no esquema das Escrituras. Dessa trilogia, somente a primeira parte, o *Joseph d'Armathie* ou *Le Roman de l'Estoire dou Graal*, escrito entre 1191 e 1202, e fragmento da segunda parte, o *Merlin*, foram preservados na forma original. A partir da prosificação e expansão da trilogia de Robert de Boron, surgiria o primeiro grande ciclo em prosa, a *Vulgata*.

A *Vulgata* é um monumental ciclo anônimo de romances arturianos, composto entre cerca de 1215 e 1235, que se desenvolveu a partir da expansão do esquema coerente elaborado por Robert de Boron. Em sua forma final, a *Vulgata* comporta cinco ramos distintos, de extensão desigual. O primeiro ramo é a *Estoire del Saint Graal*, versão elaborada e muito expandida do *Joseph* de Robert de

Boron. O segundo ramo compõe-se da *Estoire de Merlin*, que é uma prosificação do *Merlin* de Robert de Boron, seguida por uma continuação conhecida como *Suite du Merlin Vulgate*. O terceiro ramo é o *Lancelot en prose*, romance que corresponde a metade de todo o ciclo da *Vulgata*. O quarto ramo intitula-se *Queste del Saint Graal* e o quinto e último ramo é a *Mort le Roi Artu*. Segundo Bogdanow (1966, p.10), a coexistência de temas contrastantes como a busca do Graal e a história de Lancelote e Genevra gerou um inevitável choque de ideologias, resultando em um *double esprit* percebido pelos leitores medievais, o que terá levado a um rearranjo que produziu uma composição mais homogênea em que Artur, e não Lancelote, é a personagem central, e há combinação entre temas extraídos da Primeira Versão do *Tristan en prose* e adaptações da *Vulgata*, a fim de formar um conjunto mais sólido e unificado. O produto dessas modificações é a *Post-Vulgata*.

O ciclo da *Post-Vulgata* é uma reelaboração do ciclo da *Vulgata*, composto por compilador anônimo entre 1230 e 1240, mas atribuído a Robert de Boron, o qual não foi preservado de forma completa em francês, tendo de ser reconstruído a partir de fragmentos dispersos e de traduções para o português e castelhano, que se originam de uma segunda versão da *Post-Vulgata*. O ciclo tem três partes: começa com uma versão da *Estoire del Saint Graal* semelhante à versão da *Vulgata*, seguindo-se a prosificação do *Merlin* com a sua *Suite* e, por fim, a *Queste del Saint Graal*, que traz acoplada a *Mort Artu*. Em português, conserva-se apenas um fragmento do *Merlim*, ao lado de textos completos, como o *Livro de José de Arimatéia*, tradução da *Estoire*, e a *Demanda do Santo Graal*, tradução da *Queste* da *Post-Vulgata*. O texto português do *José de Arimatéia* encontra-se, portanto, na extremidade do ramo que provém da primeira parte da *Post-Vulgata*, a *Estoire*, com origem na *Vulgata*. Essa genealogia já se encontra explorada em pormenor, como adiante se expõe em traços gerais.

O *Livro de José de Arimatéia* conserva-se integralmente em um único testemunho, o ms. Livraria n.º 643, produzido em 1543 e conservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. Da tradução ibérica ainda há um fragmento do *Josep Abarimatia*

castelhano, no ms. 1877 da Biblioteca Universitária de Salamanca, datado de 1469.¹

Se se pensar na tradição ibérica do ciclo arturiano, especificamente quanto a sua primeira parte, pode-se dizer que a relação entre o *Livro de José de Arimatéia* e o *Josep* fragmentário castelhano é muito estreita, uma vez que ambos ligam-se fundamentalmente a um mesmo original francês. A versão com maior autoridade é a portuguesa, como confirma o estudo de Megale (2001), que fornece sólidos argumentos para se concluir que a tradução ibérica da *Post-Vulgata* foi para o português.

Considerando-se os testemunhos franceses, as poucas diferenças entre a *Estoire da Vulgata* e a da *Post-Vulgata*, apontadas inicialmente por Bohigas (1925, p.31-32), permitem concluir que o arquétipo dos romances que compõem a primeira parte de um e de outro ciclo seja praticamente o mesmo.² É, por isso, possível confrontar o *José de Arimatéia* de Lisboa, texto da *Post-Vulgata*, com manuscritos pertencentes à *Vulgata*. Atualmente existem seis dezenas de testemunhos em francês da *Estoire del Saint Graal*, divididos em dois grandes grupos: uma versão breve e outra longa, que diferem no *incipit* e no fato de a versão breve conter menos detalhes descritivos.³

Dentre os testemunhos franceses, um pequeno grupo desenvolve redação mista, apresentando alternadamente desenvolvimentos ou omissões característicos de uma ou de outra redação. Um desses manuscritos é o n.º 2427 da Biblioteca Municipal de Rennes, datável do século XIII. Trata-se do manuscrito mais próximo da tradução ibérica e, portanto, de seu original, pois tanto esse manuscrito francês

¹ Há alguns anos, a Profa. Aida Fernanda Dias, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, comunicou o achado de fragmento português de testemunho manuscrito mais antigo do que o apógrafo quinhentista do *Livro de José de Arimatéia*. Aguarda-se ansiosamente pela sua edição e estudo.

² Não se conhece o texto francês da *Estoire da Post-Vulgata*, mas sabe-se que não diferia do da *Vulgata*, uma vez que, segundo afirma Castro (1988:197), *À l'instar des autres parties de la Post-Vulgate ... qui diffèrent de leurs homologues de la Vulgate en esprit, en narration et en langage, ou qui n'ont même pas d'homologues, ... , l'Estoire est passée intacte ou presque d'un cycle à l'autre.*

³ A edição mais abrangente de que se dispõe para os testemunhos franceses da *Estoire del Saint Graal* é a de Jean-Paul Ponceau (1997), que examina quarenta e dois testemunhos manuscritos e dois impressos. Edita o texto com base em dois testemunhos da versão longa, que considera a mais satisfatória.

quanto o texto português começam com a versão breve e, na seqüência, oscilam nos mesmos lugares, ocasionalmente com lições de versões diferentes. A partir dessas características redacionais comuns, Bogdanow (1960, p.347) afirma que a sua existência só pode ter uma de duas explicações: ou são resultado de contaminação por fontes de ambas as redações em um antepassado comum, ou representam o arquétipo do qual as outras duas redações derivam.

O parentesco entre os mss. de Rennes e de Lisboa fica mais claro no estema proposto por Castro (1984, p.393) para a tradição manuscrita da *Estoire*, onde um manuscrito francês f, conjecturado, foi traduzido para um manuscrito O, conjecturado, do qual descendem as linhagens portuguesa e castelhana. O arquétipo de f, denominado d, é o mesmo de onde descende o ms. de Rennes.

Segundo o autor, os mss. de Rennes e de Lisboa devem remontar a um arquétipo que ocupa elevado lugar na tradição francesa, como corroboram as circunstâncias da estadia de Afonso III na França e a identidade do frade Joam Vivas. Explica-se que a grande probabilidade de a corte de Afonso III haver permitido a entrada da *Post-Vulgata* na Península Ibérica fundamenta-se em sua permanência na França por cerca de vinte anos, quando se casou, no ano de 1238, com a condessa Matilde de Bolonha, senhora de um feudo situado na região onde possivelmente foram compostos os ciclos da *Vulgata* e da *Post-Vulgata*. Quanto à tradução original para o português, pode-se concluir que foi feita por Joam Vivas, nome que aparece no *José de Arimatéia* português e na *Demanda* castelhana, nos pontos em que, nos textos franceses, ocorre um “eu” narrativo ou o nome de Robert de Boron. O tradutor terá sido frade de Santiago, viveu em meados do século XIII, em Lisboa, com propriedades na região e trânsito na corte.⁴

Ainda quanto à tradição do testemunho português, em trabalho recente, Pio (2003) submete os mss. de Rennes e de Lisboa a um confronto em que procura rever as hipóteses sugeridas por Bogdanow referentes às relações entre os dois testemunhos. Segundo o autor, os manuscritos coincidem nas opções por segmentos da redação longa ou breve, mas há casos em que os textos apresentam lei-

⁴ V. tb. CASTRO, 1983.

turas exclusivas.⁵ O afastamento entre os mss. de Rennes e de Lisboa evidencia-se na variação redacional e em leituras divergentes. Há referência, além disso, à proximidade entre o texto português e a edição de Paris, de 1516, hipótese a ser confirmada a partir de futuros estudos.⁶

3. Fósseis lingüísticos e variação gráfica no códice português

O *Livro de José de Arimatéia* português, conforme já foi dito, está conservado em um códice da Livraria do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, sob a cota n.º 643. É um manuscrito em papel, conta 315 fólhos e mede 250 mm. de altura por 190 mm. de largura. Esse códice contém o único testemunho integral do texto português resultante da tradução completa da *Estoire del Saint Graal* da *Post-Vulgata*. Trata-se de cópia de fins da primeira metade do século XVI, efetuada mais precisamente em 1543 e organizada por Manuel Álvares, corregedor da Ilha de São Miguel. Baseia-se em manuscrito lavrado cerca de duzentos anos antes, em pergaminho e iluminado, adquirido pelo corregedor, conforme declara, de uma mulher muito idosa em Riba d'Âncora, aldeia do Alto Minho. Esse manuscrito era originário de Astorga e datado de 1314, tendo sido feito por ordem do mestre-escola Joam Sanches, como se depreende do cólofon cuidadosamente reproduzido no testemunho quinhentista. Conforme a data indica, trata-se de cópia não muito posterior à data de introdução da *Estoire* na Península Ibérica.

⁵ Além da variação na escolha da fonte, há casos em que fica claro tratar-se de modificações intencionais no sentido do texto. A título de ilustração, cabe mencionar alguns casos de inovação do texto português em relação aos testemunhos franceses, que inclusive podem remontar à tradução ou terem sido feitos mesmo na cópia quinhentista. Por exemplo, a mudança para “cabo do inferno” (cap. IX), do que trazem as fontes francesas: “terre de negue” ou variantes. Outro exemplo mostra que, onde o texto francês que foi fonte da tradução ibérica traria “chiens”, há mudança no português para “enteados” (cap. XXV) ao designar os sarracenos. Ou ainda um caso em que se opõem o texto francês e o castelhano ao português, por acréscimo, numa passagem do capítulo XVII: no ms. de Rennes, “bruiser les cuisses”, em castelhano “quebrantar las piernas” e em português, “britar as pernas e os braços”. Todos os exemplos citados foram extraídos de Castro (1984, p.348 *et seqs.*).

⁶ Trata-se de *L'Hystoire du Sainct Greaal*, Paris, 1516. Reimpr. com introdução de C. E. Pickford, London, Scolar Press, 1978.

São traços fortes para a caracterização do testemunho português a mistura de tecido lingüístico da época do códice a outro mais antigo e a variedade de punhos que tomam parte da cópia. Trata-se a seguir com mais detalhe desses dois pontos.

Com uma tradição que remonta ao século XIII, onde há ao menos uma cópia intermediária, pode-se dizer que o texto português compõe-se de diferentes estratos lingüísticos, com indícios próprios de estágios anteriores ou característicos do atual apógrafo. A coexistência decorre do fato de Manuel Álvares, proprietário do manuscrito de Riba d'Âncora, realizar na cópia quinhentista, segundo declara, a modernização de aspectos da linguagem que achava antiquados no original, conservando as demais características do texto. Nesse sentido, o grau de conservadorismo do texto, resultante de cópia fiel do modelo, fica evidente a partir da ocorrência de formas, palavras e expressões já em desuso no século XVI, como bem notara Nunes (1908).

Do grande número de itens característicos de etapa mais antiga da língua presentes no texto, apresentam-se, a seguir, apenas alguns poucos exemplos. Um dos fenômenos lingüísticos mais marcantes é a alta freqüência de formas verbais da segunda pessoa do plural com o sufixo número-pessoal *-des*, que concorre com a forma sem o *-d*.⁷ Há inclusive casos de convivência da forma mais antiga com a mais recente, em pares como *chamades ~ chamais*, *cuidades ~ cuidais*, *fazedes ~ fazeyes* e *queredes ~ quereys*. O particípio irregular de *tolher*, a forma *tolheito*, é muito recorrente, em contraste com o seu desuso no século XVI. Um exemplo: “e nõ | sabyã domde nẽ como tã tos ouue hy de mortos | e de samdeus e de *tolheytos*” (fól. 75r.). Há também exemplos como *vegada*, de ocorrência única, a par de seu sinônimo *vez*, encontrado ao longo de todo o texto. Eis o exemplo: “e pos Em seu coração | deem todavegada lhe f[a]zer bem a t[o]do seu poder” (fól. 53v.).⁸

A diversidade de punhos que tomou parte na cópia resulta das condições em que foi produzido o códice quinhentista. Após ter

⁷ Conforme CARTER (1967, p.62), *In the Livro de Josep Abaramatia, both forms occur in a ratio of well over three to one in favor of the old.*

⁸ Para identificação de palavras em desuso, foi consultado principalmente LORENZO (1977). Para uma análise lingüística mais extensa sobre o texto, v. TOLEDO NETO (2001).

começado o trabalho sozinho, transcrevendo os primeiros dezesseis fólhos do texto, Manuel Álvares resolve distribuir a tarefa entre escritvães que, como corregedor, tinha a seu serviço, e reserva-se à condição de organizador e revisor. Participam do trabalho mais nove copistas além de Álvares, que devem ter trabalhado simultaneamente, em locais diferentes.⁹

A distribuição do número de fólhos varia segundo o copista: uns se incumbem de um número maior de fólhos e outros se ocupam de partes menores. Essa distribuição de tarefas parece não ter sido feita em um mesmo momento, visto que dois copistas tiveram tempo de terminar sua tarefa inicial e executarem os cadernos finais do códice. Manuel Álvares procedeu à numeração dos fólhos somente quando todos os cadernos estavam terminados e foram reunidos, com base na assinatura do fólho inicial de cada caderno, segundo Castro (1984, p. 163 *et seqs.*).

Conforme os estudos levados a cabo por diferentes pesquisadores, entre os quais Nascimento (1984), é possível saber por qual setor do manuscrito cada copista é responsável. São muitos os indícios em que se baseia essa divisão. Distinguem-se a seguir os mais abrangentes. Do ponto de vista codicológico, contam as filigranas dos papéis utilizados no códice e a diversidade na estrutura dos cadernos. Nesse caso, alguns dos cadernos não se integram à estrutura habitual e formam aglomerados mais ou menos heterogêneos de bifólhos. É técnica que deriva de hábitos tabeliônicos, segundo os quais “os materiais das unidades mínimas se vão acrescentando à medida que novos elementos vão aparecendo” (Nascimento 1984, p.123), tal como ocorre em um livro notarial. Difere também a forma de delimitar a superfície que deve receber a escrita. No âmbito paleográfico, as letras utilizadas distinguem diferentes seções do

⁹ Evidências como o uso de papel diferente e espaços em branco em fim de caderno demonstram que os copistas trabalharam separadamente, cada um com a sua parte do manuscrito trecentista, que, para isso, havia sido dividido. Quanto ao local de execução da cópia, há evidência muito forte de que tenha sido Lisboa: a areia usada para secar a tinta dos fólhos recém-escritos, da qual sobraram alguns grãos colados à tinta seca e nas dobras do códice, só pode proceder de praias da foz do Tejo e da região de Sines. Deverá coincidir com a época em que não há documentação referente à atividade de Manuel Álvares em São Miguel, segundo CASTRO (1991, p.180).

manuscrito, onde se empregam variações da gótica rotunda e da gótica cortesã portuguesa.¹⁰

Além de características codicológicas e paleográficas, o estudo das tendências de variação gráfica identificam hábitos de escrita que também podem distinguir os copistas do manuscrito. O exame atento desse aspecto resulta na caracterização de tendências individuais ou de tendências comuns a mais de um copista. Limitando a comparação, por exemplo, aos punhos de números 1 e 4, pode-se constatar que existem variações gráficas que os separam e outras que os aproximam. São variações gráficas exclusivas do punho 1 em relação ao 4, por exemplo:¹¹

- a) <a> ~ <aa>: dar (3) / Dar (5) ~ Daar (2); ma (1) ~ maa,-s (2); mar (1) ~ maar (2); maos (1) ~ mao (2); pay (2) ~ paay (7); saberas (1) ~ saberaas (1); sera (3) ~ Seraa (1); vai (1) / vay (1) ~ vaay (1); veras (1) ~ veraas (1);
- b) <c> ~ <Ø>: sancta (2) ~ santa (6); sancto (3) ~ santo (3);
- c) <e> ~ <ee>: ler (1) ~ leer (1);
- d) <e> ~ <Ø>: espesso (1) ~ Spesso (1); espreuer (1) ~ Spreuer (1); eSprito (1) ~ Spreto (1);
- e) <u> ~ <Ø>: ouro (1) ~ oro (1).

São variações gráficas exclusivas do punho 4 em relação ao 1, por exemplo:

- a) <f> ~ <ff>: fazia (4) ~ ffazia (1); feira (3) ~ ffeira (1); fes (10) / fez (7) ~ ffes (1); filho (1) ~ ffilho (2); fim (4) ~ ffirm (3);
- b) <i> ~ <Ø>: debaixo (1) ~ debaxo (1); fruito (3) ~ fruto (6);

¹⁰ Para a classificação dos tipos de letra empregados no códice, v. CASTRO, 1984, p. 123 *et seqs.*

¹¹ O punho 1 é responsável pela redação dos fólhos 1 a 16. O punho 4 redigiu os fólhos 129 a 137. Na lista de ocorrências acima, representam-se os grafemas variantes entre parênteses <>, separados por ~; da mesma forma são separadas as palavras em contraste; as que, variando em algum outro aspecto, equivalem-se para a variação em destaque, separam-se com traço oblíquo /. O total de ocorrências vem entre parênteses, após cada palavra. Uniformiza-se, nesses dados, a posição do til.

c) <n> ~ <nh>: linaJem (5) ~ linhaJem (2);

Maior é o conjunto de tipos de variações gráficas comuns aos punhos 1 e 4. Apresentam-se alguns casos:

- a) <a> ~ <e>: punho 1: Razaão (1) / Razam (1) ~ Rezam (1) / Rezão (1); punho 4: sacrafição (1) ~ Sacrefício (1); traicam (1) / traicam (1) ~ treição (1);
- b) ~ <u> / <v>: punho 1: Soberba (1) ~ soberua (1); punho 4: boz (4) ~ voz (2);
- c) <e> ~ <i>: punho 1: Deziam (2) ~ Diziã (1) ~ Diziam (1) / diziam (3); fegura (2) ~ figura (1); estoria, -s (7) ~ istoria (1); melhor (1) ~ milhor, -es (4); mortaes (1) ~ mortais (1); punho 4: dezia (3) ~ dizia (1);
- d) <g> ~ <gu>: punho 1: clerigo (3) ~ cleriguo (2); Domingo (2) ~ Dominguo (1); gafo (4) ~ guafo (1); legoas (1) ~ leguoa (1); lugar, -es (13) ~ luguar (1); pregar (2) ~ preguar (1); punho 4: gisa (1) ~ guisa, -s (2) / guiza (1); imigo (1) ~ imiguo (1) / Jmiguo (3);
- e) <l> ~ <ll>: punho 1: capela (1) ~ capella (2); caualeiro (16) / caualeyro (3) ~ caualleiro (1); escudela (1) ~ escudella (10); falar (6) ~ fallar (1); greal (1) ~ greall (1); janela (1) / Janela (1) ~ Janella (2); vale (1) ~ valle (4); punho 4: alma (2) ~ allma (1); beldade (3) ~ belldade (2); frol (1) ~ froll (1); mal (8) ~ mall (7); maldade (1) ~ malldade (1); mortal (1) ~ mortall (2); naturalmête (1) ~ naturallmente (1); sol (1) ~ soll (1).

Como indicam os exemplos acima, a variação gráfica é elemento eficaz para a caracterização dos punhos, seja por traços que os distanciam e distinguem, seja por traços que os aproximam, quando se pode pensar em comportamentos gráficos comuns. Por enquanto, encontra-se em aberto uma caracterização exaustiva dos hábitos gráficos dos punhos que participam do códice português.¹²

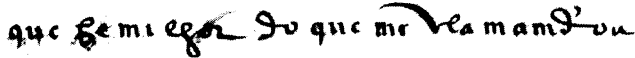
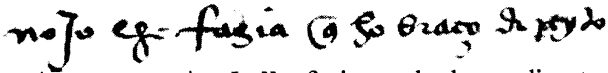
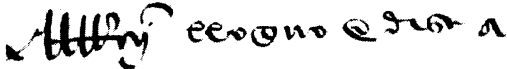
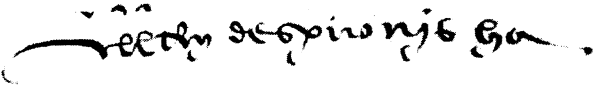
¹² Há um levantamento extenso de alguns outros hábitos gráficos de todos os punhos do códice feito por CASTRO (1984, p.132-150).

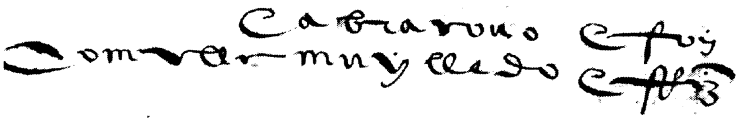
4. Uma tradição impressa a expandir-se

Em fins do século XVI, o códice do *José de Arimatéia* português, depositado originalmente na biblioteca de D. João III, passa a pertencer à biblioteca de D. Teotónio de Bragança (1530-1602), arcebispo de Évora. Já em inícios do século XVII, depois da morte do arcebispo, o manuscrito passa à biblioteca da Cartuxa de Évora. Com a dispersão das ordens religiosas em Portugal, chega à Torre do Tombo, o mais tardar em meados do século XIX. Por volta de 1846, o manuscrito é visto por Francisco Adolfo de Varnhagen e, durante muitos anos, somente mencionado por outros autores, tendo sido redescoberto por Jules Cornu, antes de 1895. Em 1902, Otto Klob, a partir de exame direto, dá notícia pormenorizada sobre o manuscrito e transcreve trechos do texto. Ao longo do século XX, outros estudiosos publicam segmentos do texto, entre os quais José Joaquim Nunes, Serafim da Silva Neto e Fanni Bogdanow, segundo Castro (1984, p.275 *et seqs.*). É somente em 1967 que sai a público a edição paleográfica de Henry Hare Carter, intitulada *The portuguese book of Joseph of Arimathea*, ainda hoje a única edição integral do texto.

Como se pode perceber, o *Livro de José de Arimatéia* tem uma história editorial curta e recente, com a edição de apenas alguns segmentos do texto antes de Carter. A importância da referida edição paleográfica, que aqui não se discute, foi não só a de preencher uma lacuna no campo bibliográfico do romance, como também a de facilitar o acesso a um manuscrito de leitura difícil e possibilitar a produção de outras edições. Mas a consulta exclusiva à edição de Carter pode apresentar problemas imperceptíveis ao leitor que desconhece o manuscrito. Casos de lacunas, por exemplo, devem ser considerados ao lado de substituições de letras, como alguns dos lapsos mais recorrentes. A título de exemplo, apresenta-se o quadro abaixo, com cinco casos onde, sob a reprodução fac-similar do trecho em questão, faz-se uma transcrição conservadora (Ms. L), nos moldes da edição de Carter, com indicação de fôlio e linha, para apresentar-se, em seguida, a transcrição como está na edição de Carter (Ed. C), indicando-se página e linha.

Quadro 1 – Casos de lacuna na edição de Carter, com relação ao ms. 643

1.	Ms. L	 que he melhor do que me ela mamdou dizer (fól. 51r., l.4)
	Ed. C	que he melhor do que ela mamdou dizer (p. 132, l.2)
2.		 noJo lhe fazia <i>que</i> ho braço direyto (fól. 59v., l.1)
	Ed. C	noJo fazia <i>que</i> ho braço direyto (p. 140, l.16)
3.		 ergese lloguo e dise a EllRey (fól. 146r., l.19)
	Ed. C	ergese e dise a [Ell]Rey (p. 229, l.2)
4.		 ffez celidonjs ha ellRey despir (fól. 154v. l.19-20)
	Ed. C	ffez celidonjs ha despir (p. 235, l.32-33)

5.	Ms. L	
		e abracou o e foy Com elle muy lleo e ffez (fól. 172v. l.17-18)
	Ed. C	e abracou o e ffez (p. 250, l.35)

Nos exemplos acima, há casos de supressão de palavra, nos n.ºs 1, 2 e 3, e casos de supressão de trechos mais longos, nos n.ºs 4 e 5. Com base nesses exemplos, um leitor cauteloso não hesitaria em consultar a meritória edição de Carter sempre com o fac-símile ao lado. É bom frisar que a escassez de problemas desse gênero na edição somente engrandece o trabalho, devido ao rigor e seriedade com que foi executado.

Diante do que acima se expõe, pode-se aquilatar a importância da edição crítica em preparo para livro pelo Prof. Ivo Castro. O tema é discutido em artigo recente (Castro, 2002), no qual o autor explica que a sua edição parte do códice de Lisboa e recorre também ao fragmento castelhano do ms. 1877 de Salamanca e à tradição manuscrita francesa. Após a edição de Carter, a proposta é a de uma edição que seja legível por um público mais amplo, e que leve em conta toda a linhagem a que o testemunho pertence, na tentativa de reconstituir o estado inicial do texto português, por meio do reparo de desvios de cópia, sem deixar de respeitar os atos de reescrita.

Como se vê, muitas questões referentes ao *José de Arimatéia* português continuam em aberto. Algumas delas foram comentadas, mas nem de longe são as únicas relevantes. Não se pode esquecer, no entanto, que nunca o texto foi tão lido e estudado como atualmente, e, portanto, pode-se esperar que a atual tendência resulte para breve em maiores avanços na compreensão de um dos mais importantes testemunhos da Matéria da Bretanha em Portugal.¹³ De

¹³ O livro organizado por NEVES et alii (2002), por exemplo, reúne muitos estudos recentes sobre o *Livro de José de Arimatéia*.

qualquer forma, hoje está mais próximo de realizar-se o desejo de Manuel Álvares, expresso ao rei D. João III, de trazer à luz o texto, para que todos venham a conhecer as suas antigüidades e as saborosas matérias de que é feito.¹⁴

REFERÊNCIAS:

- BOGDANOW, Fanni. The relationship of the portuguese Josep Abarimatia to the extant french MSS. of the Estoire del Saint Graal. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, Tübingen, n. 76, p. 343-375, 1960.
- BOGDANOW, Fanni. *The Romance of the Grail: a study of the structure and genesis of a thirteenth-century arthurian prose romance*. Manchester: Manchester University Press, 1966.
- BOHIGAS, Pere Balaguer. Los textos españoles y gallego-portugueses de la Demanda del Sancto Grial. *Revista de Filología Española – Anejo VII*. Madrid: Imprenta Clásica Española, 1925.
- CARTER, Henry Hare. *The portuguese book of Joseph of Arimathea: paleographical edition with introduction, linguistic study, notes, plates, & glossary*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1967.
- CASTRO, Ivo. Sobre a data da introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da Post-Vulgata. *Boletim de Filologia*, n. 28, p. 81-98, 1983.
- CASTRO, Ivo. *Livro de José de Arimatéia: estudo e edição do Cod. ANTT 643*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1984. Tese (Concurso para Professor Doutor de Língua Portuguesa).
- CASTRO, Ivo. Remarques sur la tradition manuscrite de l'Estoire del Saint Graal. In: *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião de seu 85.º aniversário*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1988. p. 195-206. Separatum.
- CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CASTRO, Ivo. Sobre a edição do *Livro de José de Arimatéia*. In: NEVES, Leonor Curado et alii. (Coord.). *Matéria de Bretanha em Portugal*. Lisboa: Colibri, 2002. p. 59-68.
- LORENZO, Ramón. *La traducción gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castilla*. Orense: Instituto de Estudios Orensanos Padre Feijoo, 1977.
- MEGALE, Heitor. *A demanda do Santo Graal: das origens ao códice português*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.
- NASCIMENTO, Aires Augusto. Hábitos tabeliônicos num manuscrito literário – o *Livro de José de Arimateia* – Lisboa, ANTT, Cod. 643. *Boletim de Filologia*, Lisboa, n. 29, p. 119-27, 1984.
- NEVES, Leonor Curado et alii. (Coord.). *Matéria de Bretanha em Portugal*. Lisboa: Colibri, 2002.
- NUNES, José Joaquim. Uma amostra do Livro de Josep ab Arimatia. *Revista Lusitana*, n.11, p. 223-37, 1908.
- PIO, Carlos. *O lugar do Livro de José de Arimatéia na tradição da Estoire del Saint Graal*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 2003. Dissertação (Concurso para Professor Mestre de Literaturas Românicas).
- PONCEAU, Jean-Paul. *L'Estoire del Saint Graal*. Paris: Editions Honoré Champion, 1997.
- TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. *Livro de José de Arimatéia* (Lisboa, AN/TT, Livraria, Cód. 643): camadas lingüísticas da tradução ibérica ao traslado quinhentista. São Paulo: FFLCH, USP, 2001. Tese (Concurso para Professor Doutor de Filologia e Língua Portuguesa).

¹⁴ Revela-se o desejo do corregedor nos seguintes termos, segundo a ed. de Carter (p.76): “E nõ premita.v.a | que este autor estee mais tempo em treuas do que esteue 2 aJa || [2r] por bem que nos gloriosos dias de.v.a.as antigüidades 2 sabro | sas materias que tem sejam trazidas a-luz 2 atodos manifestas | pera que ho autor tenha fama neste mudo 2 como se cre gloria | no outro que he sem fim”.